

VEÍCULO: Valor**Seção: Empresas & Tecnologia****Autor:** Vera Saavedra Durão, do Rio**Data:** 02/02/2009**Título: Aquisições da Vale após a crise visam ativos estratégicos**

A aquisição dos ativos da Rio Tinto, fechada na madrugada de sexta-feira, mostra o novo caminho adotado pela Vale do Rio Doce para ir às compras em plena crise econômica global. A estratégia de aquisição da companhia para os tempos de vacas magras da mineração prioriza a compra de ativos de pequeno e médio porte que têm sinergias com os negócios atuais, ao invés de sair à caça de mineradoras robustas e caras, como a suíça Xstrata. Tanto que a mineradora brasileira não titubeou em desembolsar US\$ 750 milhões pelo sistema de minério de ferro de Corumbá (MT) da anglo-australiana, incluindo a logística, e mais US\$ 850 milhões por depósitos de potássio na Argentina e Canadá.

Com US\$ 15 bilhões em caixa para gastar, a Vale dispendeu a soma de US\$ 1,9 bilhões em quatro ativos, após a deflagração da crise mundial, incluindo o negócio com a Rio Tinto. No final de novembro, adquiriu por US\$ 10 milhões a PGT, uma empresa especializada em identificação de áreas de petróleo. Em meados de dezembro, pagou US\$ 65 milhões por 50% de participação numa empresa de cobre a ser criada pela sul-africana African Rainbow Minerals Limited (ARM), que tem negócios no famoso "cinturão de cobre africano", metal que é um dos focos da Vale.

Antes do Natal, a companhia firmou contrato para ficar com 100% dos ativos de exportação de carvão da Cements Argos, na Colômbia, por US\$ 300 milhões. Há 10 dias, anunciou negociações com a Woodside Energia Investimentos em Exploração de Petróleo para deter metade da participação da empresa em consórcios da Bacia de Santos, visando explorar gás para consumo próprio.

O montante gasto até agora é um valor considerado "folgado" por analistas comparado ao caixa que tem à sua disposição. Mas, mesmo assim, eles consideraram "salgado" o preço pago pela mina da Rio Tinto, mesmo incluindo o sistema logístico pelo rio Paraguai. Rodrigo Ferraz, da corretora Brascan, calculou que a Vale pagou US\$ 300 a tonelada pelo minério de Corumbá. "É caro nesta base, mas a Vale não é uma empresa júnior e sabe o que está fazendo. Ela não deve estar olhando só os US\$ 300, mas enxergando um porte maior do que os 2,5 milhões de toneladas de minério, capacidade atual da mina".

Para Ferraz, esse valor cai para US\$ 209 se for levado em conta que a Vale pretende

implementar o plano da Rio Tinto de expandir a produção da mina para 12,8 milhões de toneladas até 2010, investindo US\$ 2,5 bilhões. O que pode estar por trás desta valorização é que o negócio abre espaço para interesse da Vale nos ativos da MMX Corumbá, criando um polo de mineração no Centro-Oeste. "Aí sim, o ganho de sinergia de uma operação com a outra são gigantescos", avaliou Ferraz.

José Viveiros, diretor de ferrosos da ArcelorMittal Serra Azul, especialista em mineração, parabenizou a Vale pela aquisição. Segundo ele, ela comprou Corumbá mais por conta da alta qualidade do minério local. Segundo ele, é excepcional e muito raro em termos de teor. É o tipo granulado, que vai direto ao alto-forno, sem necessidade de concentração, com 67% de teor de ferro. "Ó negócio foi um ponto fora da curva, pois hoje ninguém está comprando nada. Mas a Vale tem caixa e a sorte de não ter comprado a Xstrata. O que pareceu um erro, virou acerto", disse.

A mina da Rio Tinto, um ativo de classe mundial, é a céu aberto e fica em Mato Grosso do Sul. Os ativos de logística incluem barcaças e porto fluvial de San Nicolas, na Argentina. A mina possui reservas provadas e prováveis de 210 milhões de toneladas e recursos minerais de 583 milhões de toneladas, com 62,5% de teor. Os ativos de logística possibilitam ter 70% de auto-suficiência no transporte do produto através do rio Paraguai. Recentemente, a Vale fez uma encomenda de 32 barcaças a estaleiros nacionais, num investimento de US\$ 122,3 milhões, que certamente serão para uso na sua nova empresa.

A compra dos ativos de potássio mostram outro foco da Vale, além do minério, cobre e carvão, que é o negócio de fertilizantes, um nicho promissor, alinhado a estratégia de crescimento da companhia.

Com esta nova política de aquisições, a mineradora sinaliza ao mercado que está apostando numa virada forte do mercado mais à frente. "São promessas de grandes operações no futuro. Se o mercado virar, a Vale será a primeira a colher os frutos. Do contrário, o risco é enorme", analisou Rodrigo Ferraz.

VEÍCULO: Valor

Seção: Investimentos

Autor: Assis Moreira, de Genebra

Data: 03/02/2009

Título: Vale fez segunda maior oferta da Nyse em 2008

A Vale fez a segunda mais importante captação nas bolsas de Nova York e Paris na plataforma da Nyse Euronext em 2008, levantando US\$ 12 bilhões em julho, quando a

crise financeira já começava a abalar os mercados. Pelo ranking divulgado pelo grupo de bolsas americano, a operação da Vale só ficou atrás da oferta da americana Visa, que movimentou US\$ 20 bilhões.

A Nyse negocia mais de 40% (em valor) das ações no mundo e é a única que propõe cotação cruzada entre seus mercados. A Vale fez captação de US\$ 10 bilhões em Nova York e o restante em euros em Paris.

O presidente da Nyse Euronext, Duncan Niederauer, mostra-se esperançoso de que as ofertas públicas de ações (IPOs, na sigla em inglês) se recuperem no segundo semestre, quando surgirem sinais de retomada da atividade econômica.

"A fila é enorme, já há muita gente esperando a situação econômica melhorar. Há centenas de companhias esperando para fazer IPO, só que agora não é o momento", afirmou num encontro com jornalistas.

Ele acredita que se a oferta da Pfizer para comprar a Wyeth for bem sucedida pode ajudar a restaurar a confiança nos mercados, porque mostra que esse tipo de negociação pode ser financiado também na situação atual.

Com relação ao Brasil, Niederauer disse que cometeu um erro de comunicação e que não suspendeu eventual aumento de participação na BM&FBovespa, onde a Nyse tem 0,5% das ações, porque não havia plano concreto de elevar o volume.

O interesse é firme com a bolsa brasileira para ampliar a cooperação tecnológica, conforme Jean-Francois Theodore, vice-presidente do grupo americano.

Ele disse que a Bovespa já utiliza há dez anos o sistema de negociação de ações da Nyse e espera que a bolsa paulista escolha agora o novo sistema, que entrará em serviço em Paris no dia 17 deste mês.

Trata-se de um sistema concebido para "cash" e derivativos, reduzindo o custo para todo mundo, porque pode-se utilizar a mesma plataforma para o dobro de negociações, por exemplo.

VEÍCULO: Gazeta Mercantil

Seção: Primeira Página

Autor: Luciana Collet

Data: 04/02/2009

Título: Exportação de minérios soma US\$ 22 bilhões

São Paulo, 4 de Fevereiro de 2009 - A exportação dos oito principais minerais produzidos no País somou US\$ 22,16 bilhões em 2008, o que representa alta de 42,7% ante os US\$ 15,53 bilhões obtidos no ano anterior. Com o forte crescimento, aumentou a participação do setor mineral nas vendas externas brasileiras, de 9,7%, em 2007, para 11,2%. Entre os destaques estão o manganês, cujo crescimento foi de 452% em valores, e o minério de ferro, com alta de 56,6%. Em ambos os casos, o reajuste nos preços foi o principal responsável pelo aumento.

As importações também cresceram, 59,1%, para US\$ 8,96 bilhões, principalmente devido às compras de cloreto de potássio, insumo para fertilizantes, e de coque.

Exportação de metais soma US\$ 22 bilhões

São Paulo, 4 de Fevereiro de 2009 - A exportação dos oito principais metais produzidos no País somou US\$ 22,16 bilhões em 2008, o que representa uma alta de 42,7% em relação aos US\$ 15,53 bilhões obtidos no ano anterior. Com o forte crescimento, aumentou a participação do setor mineral nas exportações brasileiras, de 9,7%, em 2007, para 11,2%, no ano passado. Além do aumento no volume de minérios exportados, também pesou na expansão do faturamento com vendas externas de metais a alta dos preços médio dos produtos, principalmente no primeiro semestre do ano.

Entre os produtos que mais sofreram aumento das exportações está o manganês, minério usado como insumo na siderurgia para melhorar as propriedades do aço. As vendas externas do mineral apresentaram alta de 452,86% em valores, para US\$ 615,8 milhões. Em volume, o crescimento também foi expressivo, de 57,8%, para 2,03 milhões de toneladas, mas o preço médio foi o que teve maior impacto, passou de US\$ 86,48 por tonelada em 2007 para US\$ 302,81 por tonelada no ano passado.

"Em 2007, a Vale (Companhia Vale do Rio Doce) parou a produção porque o preço do manganês tinha caído muito e a companhia deu prioridade para o escoamento de minério de ferro pela Estrada de Ferro Carajás", explicou Antonio Lannes, gerente de pesquisa e desenvolvimento do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram).

Apesar do bom desempenho do metal, o crescimento poderia ser ainda melhor, não fosse a crise econômica internacional. De acordo com estimativas do Ibram, o saldo da balança comercial de manganês deveria atingir US\$ 680 milhões, no entanto, encerrou o ano a US\$ 569,4 milhões. De fato, já observando a baixa demanda mundial com o estopim da crise, em 31 de outubro a Vale informou que interromperia a produção em 1º de dezembro, paralisando a atividade produtiva no País até o final de janeiro. O Brasil é o segundo maior produtor de manganês e a Vale é a principal produtora nacional.

Outro minério que merece destaque na exportação, seja pelo volume exportado quanto pelo crescimento na receita, é o minério de ferro, produto que sozinho responde por 8,36% da receita brasileira com exportações. No ano passado, foram embarcadas 281,68 milhões de toneladas do minério, 4,5% acima do volume registrado um ano antes. Em valores, o minério de ferro rendeu US\$ 16,54 bilhões, alta de 56,6%. A retração na demanda pelo minério também fez a Vale anunciar redução da produção no final do ano passado, em cerca de 30 milhões de toneladas métricas anuais, com o fechamento de minas com maior custo de produção e de minérios de qualidade inferior em relação aos demais produzidos pela companhia.

Em janeiro, os embarques de minério de ferro foram de 834 mil toneladas, o que representa uma queda de 25,2% em relação ao mesmo mês de 2008. Em valores, houve alta de 12,1%, para US\$ 49 milhões, resultado ainda do reajuste nos preços do minério, que foi de 65%.

Segundo o secretário de Comércio Exterior do governo brasileiro, Welber Barral, o volume de commodities exportado deve cair de 10% a 30% nos primeiros meses deste ano, devido principalmente à queda da demanda neste início de ano.

Importações

As importações de minérios também aumentaram ao longo do ano passado, encerrando o ano com alta de 59,1%, para US\$ 8,96 bilhões, o que representa cerca de 5% do total de compras realizadas no exterior.

Entre os principais produtos importados está o cloreto de potássio, conforme destacou Lannes. A matéria-prima é utilizada para a produção de fertilizantes. O volume de recursos gastos com a compra do insumo mais que dobrou, passando de US\$ 1,5 bilhão, em 2007, para US\$ 3,83 bilhões. A forte alta, no entanto, está mais relacionada ao aumento do preço do cloreto de potássio do que ao volume importado, já que desembarcaram no País 6,75 milhões de toneladas, um pouco abaixo dos 6,76 milhões de toneladas de 2007. "O Brasil é deficiente em potássio e fostato, e os preços desses insumos aumentou bastante", afirmou Lannes.

Outro destaque é o coque, insumo na produção siderúrgica. Entre coques e semicoques de hulha, de linhita ou de turfa, o volume gasto na aquisição desses produtos somou US\$ 909,6 milhões, quase três vezes mais que os US\$ 311,3 milhões de um ano antes. Também neste caso, o preço foi o que mais influenciou no crescimento, já que a tonelada do produtos chegou a ter um aumento de aproximadamente 200% no mercado internacional. Na média, o preço da tonelada de coque que desembarcou no Brasil teve uma alta de aproximadamente 150%, no valor médio de 2008, para US\$ 478,28.

Já a importação de zinco caiu 35,89%, para US\$ 161,9 milhões, resultado da queda no preço do metal no mercado internacional, já que o volume cresceu 19,39%, para 221,19 mil toneladas. O preço médio caiu 46,3%, para US\$ 731,97 por tonelada.

O saldo comercial do setor mineral, considerando esse grupo dos principais metais de exportados e importados foi de US\$ 13,87 bilhões no ano passado, o que representa um aumento de 30,24% ante os US\$ 10,64 bilhões registrados no ano anterior.

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor: Francisco Góes, do Rio****Data: 05/02/2009****Título: Aço chinês cria atrito entre Transpetro e siderúrgicas**

A possibilidade de nova importação de aço da China pela Transpetro, a subsidiária de logística da Petrobras, elevou ontem o tom da discussão entre a empresa e a siderurgia nacional. O Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS) reagiu contra a importação que, segundo a entidade, poderia atingir até 42 mil toneladas. A Transpetro rebateu as informações do instituto, a quem acusou de fazer lobby em favor da Usiminas.

O debate tem como pano de fundo licitação aberta pela Transpetro, em janeiro, para a compra de 18 mil toneladas de aço destinadas à construção de navios tipo Suezmax no estaleiro Atlântico Sul, em Suape (PE). Onze empresas da Coreia do Sul, China, Macedônia, Romênia, Ucrânia, Indonésia e Brasil participaram do processo. A Usiminas ficou em último lugar na licitação. A empresa apresentou preço 60% mais alto do que a melhor oferta, feita por companhia chinesa. A proposta dos chineses foi de US\$ 750 por tonelada CIF (posto no estaleiro, em Pernambuco).

O valor é cerca de 30% inferior ao US\$ 1,1 mil por tonelada do último lote de aço comprado pela Transpetro da China, em agosto do ano passado, antes da crise. Em nota, a estatal informou que como os preços ofertados alcançaram um patamar competitivo, optou por aumentar a encomenda de 18 mil para 42 mil toneladas. Decidiu-se adquirir, portanto, volume adicional de 24 mil toneladas nas mesmas condições de preço da encomenda original.

Segundo a Transpetro, a Usiminas foi convidada a oferecer a sua melhor oferta. Na negociação, a siderúrgica aceitou baixar o valor, mas apenas para um lote de 18 mil toneladas. "A Usiminas se recusou a fornecer outras 6 mil toneladas no preço internacional", afirmou a estatal. O presidente da Transpetro, Sérgio Machado, disse que ao tentar proteger a siderurgia coloca-se em risco a construção naval brasileira.

"A Usiminas é grande para ser forçada a fazer o que não quer, mas a indústria de base não pode matar a cadeia produtiva no Brasil", disse Machado. Na nota, a Transpetro

disse repudiar "as articulações da Usiminas de tentar impor preços e ameaçar a sobrevivência da nascente indústria naval brasileira".

A Usiminas divulgou nota na qual afirma que "se solidariza com o governo federal no seu esforço de fazer renascer a indústria naval brasileira". A empresa manifestou preocupação, porém, com o fato de que a abertura de licitação internacional (pela Transpetro) "está sujeitando a indústria nacional e o país a práticas desleais de comércio". Segundo a empresa, essa preocupação foi discutida em audiência do IBS com o presidente Lula, no fim de janeiro. "A Usiminas ressaltou que entende ser necessária a adoção de urgentes medidas de defesa de mercado e sugeriu a introdução temporária do preço mínimo para importação dos produtos siderúrgicos até que o movimento de redução dos estoques mundiais se encerre", disse a empresa na nota.

O vice-presidente executivo do IBS, Marco Polo de Mello Lopes, atacou a decisão da Transpetro de importar aço da China. "Em um momento em que o mundo inteiro está incentivando o consumo e se protegendo contra a importação predatória, uma empresa pública resolve privilegiar o produto estrangeiro", disse. Para ele, o Brasil possui uma vantagem em meio à crise global, já que o mercado interno ainda deve crescer, enquanto as economias dos países ricos estão em recessão. Para o setor siderúrgico, a turbulência provocou uma sobra de aço no mercado internacional, que está sendo vendido a preços baixos no país.

Executivos dizem que a Transpetro conseguiu uma cotação de US\$ 600 por tonelada do aço importado, "o que não pagaria nem o preço de custo". Fonte próxima à Transpetro disse que a reação do IBS "envenenou" a discussão entre a empresa e a Usiminas. As negociações para a compra das 42 mil toneladas de aço ainda não foram finalizadas. **(Colaborou Raquel Landim, de São Paulo)**

VEÍCULO: O Globo

Seção: Negócios & Cia

Autor: Flávia Oliveira

Data: 06/02/2009

Título: Vale monta plano para financiar fornecedores

A Vale criou programa para facilitar o acesso a crédito a pequenos e médios fornecedores. A ideia é financiar empresas regionais. Uma exigência é que o CNPJ da matriz seja do mesmo estado que receberá bens e serviços adquiridos pela mineradora. As linhas do Inove foram montadas em parceria com bancos. O BB entrará com R\$50 milhões. Em 2008, a Vale comprou R\$20,5 bilhões em mercadorias e serviços, 91% no Brasil.

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: Ramona Ordoñez****Data: 07/02/2009****Título: Transpetro: Usiminas tem monopólio**

Estatal não aceita pagar caro pelo aço nacional. Siderúrgica quer proteção

A Transpetro, subsidiária da Petrobras na área de transportes, e a Usiminas estão travando uma queda-de-braço em relação aos preços do aço. O presidente da Transpetro, Sérgio Machado, acusou ontem a Usiminas de deter o monopólio da produção das chapas grossas, necessárias para a construção dos navios petroleiros encomendados pela estatal junto a estaleiros brasileiros. Por considerar os preços apresentados pela Usiminas muito elevados, a Transpetro vai importar as 24 mil toneladas de aço da China.

A Usiminas não quis dar entrevista e publicou ontem uma nota nos jornais com sua versão sobre o caso. A empresa alega que está havendo uma prática desleal de comércio internacional que prejudicará as indústrias nacionais.

- A Usiminas, junto com sua coligada Cosipa, detém o monopólio privado do aço naval no Brasil. Mas eu não vou aceitar essa imposição de preços. O aço representa 30% do custo de um petroleiro, e isso poderia comprometer o surgimento da indústria naval brasileira que ainda é um bebê - afirmou Machado.

Na licitação internacional feita pela Transpetro para a compra de 24 mil toneladas de aço, das 11 empresas participantes, os preços da Usiminas foram os mais elevados, segundo a Transpetro. O valor é 60% superior ao menor valor apresentado.

Não foi prática desleal de comércio, diz Transpetro

Machado disse não concordar com os argumentos da Usiminas de prática desleal do comércio pela China, porque houve 11 países na disputa, incluindo a Macedônia.

O presidente da Transpetro disse não aceitar o argumento do conteúdo nacional na construção dos petroleiros.

- Não podemos usar o conteúdo nacional para esconder incompetência. Vamos importar sempre que for competitivo. Não vou me curvar ao monopólio privado - disse.

Em sua nota, a Usiminas volta a pedir a adoção urgente no país de salvaguardas contra práticas desleais de comércio. Ela sugere adoção temporária de preço mínimo para importação de produtos siderúrgicos.

A Transpetro já comprou 18 mil toneladas de aço da Ucrânia, 7 mil toneladas da China e 12 mil da Usiminas. A demanda total de aço é de 680 mil toneladas para 49 navios.

VEÍCULO: Folha de São Paulo**Seção: Economia****Autor: AGNALDO BRITO DA REPORTAGEM LOCAL****Data: 07/02/2009****Título: Exportação de aço brasileiro não será afetada, diz instituto**

O IBS (Instituto Brasileiro de Siderurgia) avalia que a exportação de aço do Brasil para os EUA não deve ser afetada com o pacote bilionário de ajuda a economia americana. "As informações indicam que não há nenhuma medida de bloqueio das importações, mas algumas regras para compra de aço dentro do mercado americano com recursos do pacote", disse Marco Polo de Mello Lopes, vice-presidente do instituto.

Segundo ele, a posição do governo e do Congresso norte-americano é legítima e busca incentivar a produção local. Como o Brasil exporta basicamente aço semi-acabado, o parque siderúrgico dos Estados Unidos tende, avalia Lopes, a continuar comprando para reprocessá-lo. "As indicações que temos são as de que a medida não deve afetar o Brasil."

A primeira avaliação da cláusula "Compre América" era a de que isso significaria restrições a aquisição de aço produzido fora do território americano. A regra teria sido flexibilizada por uma emenda aprovada no Senado a partir da qual ficavam livres da suposta restrição países com os quais dos EUA possuem acordos comerciais, como México, Canadá e nações da União Europeia.

O IBS havia informado que avaliaria o texto final do pacote e, se necessário, proporia ao governo brasileiro queixa contra os EUA na OMC (Organização Mundial do

Comércio). O Brasil exporta cerca de US\$ 1 bilhão em aço para os Estados Unidos, a maior parte produtos semi-acabados. Os Estados Unidos são hoje o primeiro cliente externo brasileiro.

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Francisco Góes e Vera Saavedra Durão, do Rio

Data: 11/02/2009

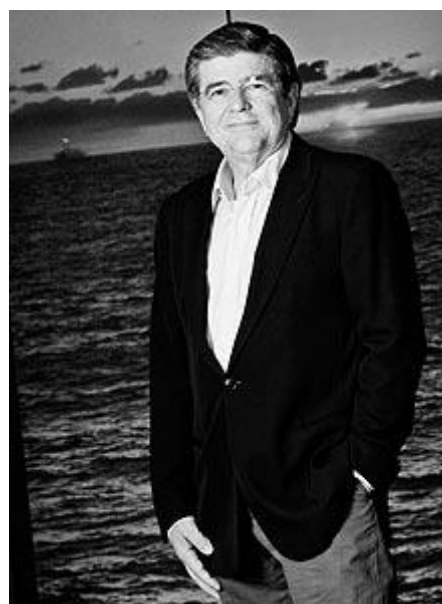
Título: Usiminas quer investigar aço vindo da China

A Usiminas vai solicitar ao governo uma investigação antidumping contra a importação de chapas grossas de aço da China para a indústria naval, informou ontem ao Valor seu presidente-executivo, Marco Antonio Castello Branco. A decisão de encaminhar o pedido é consequência de uma disputa entre a siderúrgica e a Transpetro, subsidiária de logística da Petrobras, referente à compra de 42 mil toneladas de aço para a construção de navios no estaleiro Atlântico Sul, em Pernambuco. Ontem, o presidente da Transpetro, Sérgio Machado, confirmou que a estatal fechou a compra de 24 mil toneladas de aço com um fornecedor chinês e de 18 mil toneladas com a Usiminas.

Usiminas vai pedir ação contra aço chinês

A Usiminas vai solicitar ao governo pedido de investigação antidumping contra a importação de chapas grossas da China para a indústria naval, disse ao Valor Marco Antonio Castello Branco, presidente da siderúrgica. A decisão de encaminhar o pleito surge depois de uma queda-de-braço entre a empresa e a Transpetro, subsidiária de logística da Petrobras, em torno da compra de 42 mil toneladas de aço para a construção de navios no estaleiro Atlântico Sul (PE). Ontem, o presidente da Transpetro, Sérgio Machado, informou que a estatal fechou a compra de 24 mil toneladas de aço com fornecedor chinês e de 18 mil com a Usiminas. O próximo passo é o recebimento do aço pelo estaleiro.

Silvia Costanti / Valor



Machado, da Transpetro: manter

a competitividade da indústria naval no país

Mas apesar do acordo selado entre as partes, a Usiminas sente-se na obrigação de defender-se contra a concorrência que considera "predatória". "Existe um problema. E o que nós (Usiminas) devemos fazer é usar os instrumentos disponíveis para provar que há uma prática desleal de comércio ", disse Castello Branco, que visitou ontem o Atlântico Sul. O executivo considera legítima a necessidade da Transpetro, como empresa pública, de buscar o menor preço nas compras de insumos e equipamentos. "Não posso questionar o administrador público que compra por preço mais baixo". Mas argumenta que a Usiminas tem que defender também seu mercado. "Para a Usiminas, a China não serve como referência de preço internacional", afirmou.

"Não pode haver comprovação de dumping. É mais fácil comprovar o dano ao resto da cadeia produtiva nacional (do que à Usiminas)", disse Sérgio Machado, presidente da Transpetro, ao ser indagado sobre a possibilidade de abertura de um processo de defesa comercial pela Usiminas. A estratégia da Transpetro de garantir o menor preço do aço para construção dos petroleiros busca manter a competitividade da indústria naval nacional. Para Machado, não se trata de dumping, mas de um caso de concentração de mercado. "É o monopólio querendo impor preço caro e aí mata a cadeia produtiva nacional", declarou ele.

Na visão de Castello Branco, no entanto, a Usiminas tem pedir a abertura de investigação antidumping, pois, na situação atual de recessão econômica, a tendem a ocorrer políticas "predatórias" no comércio mundial. No processo, que deve ser instalado após a entrada do aço chinês no Brasil, a Usiminas terá de fornecer ao Ministério do Desenvolvimento, responsável pelos casos de defesa comercial, referências de preços do que ela considera mercados "livres", caso de Roterdã (Holanda). A partir daí, cabe ao governo fazer análise e decidir se aplica ou não uma tarifa antidumping sobre a empresa chinesa que vendeu o aço para a Transpetro.

Neste embate, diz Machado, a Transpetro ganhou, como compradora de 680 mil toneladas de aço (para construir 49 navios no Brasil até 2011), grande visibilidade internacional. Ele confirmou que foi procurado por várias siderúrgicas mundiais interessadas em fornecer aço à estatal. A ArcelorMittal, que colocou à disposição da Transpetro 100 mil toneladas de aço "a preço mundial", segundo informou o executivo, se dispôs a vender as 18 mil toneladas caso a Usiminas não se dispusesse a fazê-lo. Mas a negociação não foi fechada porque a Usiminas aceitou reduzir seu preço. "Não estou querendo realimentar um processo que terminou", avaliou Machado.

O presidente da Usiminas concorda: "Duas empresas do porte de Usiminas e Transpetro não podem bater boca, baixar o nível da discussão." Para Castello Branco, é preciso diferenciar a defesa comercial, pela qual a empresa está lutando, e a proteção do mercado. "Queremos competir em condições de igualdade (em relação aos fornecedores chineses)." O argumento da siderurgia é de que o setor não é contrário a importação, mas contra a importação predatória. "Estão (os chineses) vendendo aço no Brasil a preços inferiores ao que vendem no mercado deles", denunciou Castello Branco.

Ele informou que o preço da chapa grossa no mercado do Sudeste dos Estados Unidos estava a US\$ 850 por tonelada, na semana passada. Fonte próximas da Transpetro revelaram ao Valor que a empresa chinesa que ganhou parte do último lote de aço ofereceu US\$ 750 por tonelada CIF (posto no estaleiro em Pernambuco).

Na última tomada de preços feita pela Transpetro, 11 empresas de diversos países concorreram. A Usiminas ficou em último lugar na licitação, com um preço que, segundo a Transpetro, ficou 60% FOB e 35% CIF acima da melhor proposta, que foi dos chineses. A Usiminas foi convidada a apresentar um novo preço e nessa negociação a siderúrgica aceitou baixar a oferta a padrões equivalentes aos dos chineses para um lote de 18 mil toneladas. Mas se negou a negociar outras seis mil toneladas nas mesmas condições.

Em 2008, a Transpetro fez outras três licitações para comprar aço nas quais adquiriu o produto de siderúrgicas da Ucrânia e da China, além da Usiminas, vencedora da licitação para fornecer 12 mil toneladas. Este ano, a partir de junho, a Transpetro deve fazer mais duas rodadas internacional para compras de aço.

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Ivo Ribeiro, de São Paulo

Data: 12/02/2009

Título: Mineradoras cortam gastos em pesquisas

A queda nos preços das commodities metálicas, tais como níquel, cobre, alumínio, zinco e outras matérias-primas minerais, por conta da crise econômica mundial, vai impor uma retração brutal nos investimentos em exploração e pesquisa mineral no mundo. A previsão é de especialistas, que projetam para menos da metade do montante dos gastos que estavam previstos antes das turbulências financeiras para o

ano passado - em torno de US\$ 12 bilhões.

Cláudio Mansur, sócio-diretor da consultoria Cypress, de São Paulo, estima investimentos de US\$ 5,5 bilhões, na melhor das previsões, neste ano. "O grande baque ocorreu nas "junior companies", as quais eram responsáveis, nos últimos três anos, por cerca da metade dos recursos aportados", explica Mansur. Esse tipo de empresas, por ser voltado para aplicação de risco, foram as primeiras a suspender seus programas de investimento.

O especialista informa que o corte os investimentos das junior companies, cujo perfil de atuação é a pesquisa mineral - descoberta de jazidas, que em geral são transferidas para as grandes mineradoras -, foi da ordem de 75%. Já as "majors" (mineradoras de grande porte), que representavam um terço dos gastos, reduziram seus orçamentos em 25%.

O impacto dessas decisões de grupos mineradores não foi diferente no Brasil, que em 2007 se destacava entre os dez países com maiores aplicações em pesquisa mineral em seu subsolo no mundo. A previsão é que os gastos ficarão em torno de US\$ 200 milhões neste ano, ante a projeção eufórica - e recorde - de quase US\$ 500 milhões, estimulada pelo boom das cotações das commodities e pela corrida por novos projetos em níquel, cobre, ouro, fosfato, potássio e e minério de ferro no país.

Mansur admite que acabou a festa. Ele aponta que a fonte primário de recursos das junior companies, a Bolsa de Toronto, secou. "O risco é enorme para essas empresas, pois, de cada 100 projetos pesquisados, apenas um acaba chegando à fase de estudos de viabilidade para se transformar numa possível mina".

A Amazon Mining, empresa sediada em Londres mas controlada por brasileiros, é um exemplo. Cristiano Veloso, presidente da mineradora, explicou que ela foi uma das últimas a levantar recursos em Toronto - US\$ 16 milhões. O dinheiro era voltado para explorar quatro projetos de ouro e diamante em Rondônia, Tocantins e Minas Gerais. "Como o cenário mundial ficou crítico, decidimos parar os investimentos em setembro", disse. A Amazon já tinha gasto US\$ 4 milhões e ainda teria de investir mais para obter resultados mais consistentes. "Era muito risco".

No Brasil, Vale do Rio Doce e Votorantim Metais são as principais investidoras, no país e fora, na pesquisa mineral, na busca de novas jazidas para ampliar seu portfólio de projetos futuros. A Vale informou por meio de sua assessoria que o valor mundial previsto para 2009, anunciado em outubro, de US\$ 726 milhões, está mantido. A empresa informou que não divulga os valores por região geográfica, mas que grande

parte do total é no Brasil.

A Votorantim, com atuação nas Américas, está ajustando seu programa. Segundo o Valor apurou, fará forte corte no orçamento, que em 2008 foi de R\$ 150 milhões, e na equipe de geólogos e técnicos. Em nota, a empresa informou que, "diante da nova realidade do mercado, com os impactos da desaceleração da economia global e a consequente redução na demanda e preços dos metais, está reavaliando os projetos" nessa área.

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Francisco Góes, do Rio

Data: 12/02/2009

Título: Transpetro critica decisão da Usiminas

O presidente da Transpetro, Sergio Machado, disse que é "inócua" a decisão da Usiminas de solicitar ao governo uma investigação antidumping contra a importação de chapas grossas de aço da China para a indústria naval, conforme antecipou o Valor. "Não vai comprovar nada já que seis países, não só a China, apresentaram preços abaixo (da Usiminas)", afirmou.

Ele se refere à tomada de preços feita em janeiro pela Transpetro para compra de 18 mil toneladas de chapas grossas, volume depois ampliado para 42 mil toneladas. Coreia do Sul, China, Macedônia, Romênia, Ucrânia e Indonésia, além do Brasil, apresentaram propostas. Para ele, as ofertas ficaram muito próximas uma das outras, com exceção da Usiminas cuja proposta foi a mais alta de todas. Depois, a Usiminas igualou o preço ao dos chineses.

Machado também questionou a importação de aço feita pela Usiminas em 2008. "Foi dumping?" E não quis antecipar qual a estratégia da Transpetro, caso o processo antidumping contra a importação chinesa. "O general que anuncia sua estratégia está morto antes da guerra." Ontem a Transpetro anunciou a adoção de um programa de apoio aos fabricantes de navieças, em parceria com o BNDES.

VEÍCULO: Jornal do Brasil

Seção: Economia

Autor: JB

Data: 18/02/2009

Título: Vale, Xstrata e Rio Tinto disputam mina na Mongólia

Avaliada em US\$ 2 bi, operação envolve 49% de participação no ativo

A mineradora brasileira Vale, a suíça Xstrata e a sul-africana Rio Tinto estão entre as companhias que apresentaram propostas para desenvolver a mina de carvão de Tavan Tolgoi, na Mongólia, avaliada em US\$ 2 bilhões, segundo duas fontes com acesso direto ao assunto. O governo da Mongólia contratou o Deutsche Bank e o JP Morgan para vender até 49% de participação no depósito. A australiana BHP Billiton e a gigante do carvão China Shenhua Energy também fizeram propostas, segundo as fontes.

A Tavan Tolgoi, normalmente chamada de o maior depósito não utilizado de carvão para coqueificação do mundo, tem reservas de 6,5 bilhões de toneladas e também tem atraído propostas de consórcios japoneses, russos e de empresas coreanas, disse uma das fontes.

Mas a Shenhua, que analistas consideram há tempos como a principal ofertante por causa da proximidade da China com a Mongólia, pode não ter um status de líder no processo, afirmou a fonte.

– Não seria um lance errado imaginar que a Shenhua é parte que vai conseguir esse desenvolvimento – afirmou um membro de um banco de investimento baseado em Hong Kong, ao acrescentar que o governo mongol está inclinado em direção a um grupo internacional e diversificado.

As fontes pediram para não serem identificadas por causa da natureza sensível do processo, que está em etapa preliminar. As propostas têm sido entregues em diferentes formas – algumas detalhadas de desenvolvimento do depósito e outras são expressões de interesse de uma página, afirmou o membro do banco de investimento.

– Basicamente, carvão de coque de boa qualidade é uma commodity bem escassa a longo prazo e tais ativos, tão grandes, são difíceis de aparecer, então as empresas com visão de longo prazo podem considerar os ativos atraentes – disse Malcolm Southwood, analista do Goldman Sachs, em Melbourne.

Queda de preços

Uma oferta restrita no ano passado ajudou a mais que dobrar o preço do carvão de coque duro, que é usado no setor de siderurgia, para US\$ 300 a tonelada, uma vez que siderúrgicas ao redor do mundo consumiram grandes quantidades da commodity quando o mercado ainda estava passando por expansão acelerada.

Apesar dos preços terem desabado desde o boom após a queda na demanda por aço, analistas afirmam que o cenário de longo prazo para os preços de carvão de coque duro continua robusto.

Informações da imprensa indicam uma série de interessados em potencial, como a japonesa Itochu Corporation e a Peabody. Mas o processo tem sido atravancado por atrasos, uma vez que a Mongólia limpa suas leis de mineração. Nenhum cronograma para o desenvolvimento da mina foi confirmado.

– É um ativo fabuloso e isso representará uma grande oportunidade para quem fizer a oferta vencedora, e certamente nós adoraríamos ver esse ativo colocado em ação o quanto antes – disse Andrew Driscoll, diretor de pesquisa de recursos naturais na CLSA.

Revisão da lei

A versão de 2006 da legislação de mineração permitia ao Estado compartilhar uma parcela de até 34% dos depósitos encontrados com fundos privados e até 50% dos descobertos com recursos estatais. A Mongólia desde então tem adiado a revisão da lei.

A BHP tinha ganho originalmente o direito de desenvolver a mina de Tavan Tolgoi na década de 1990, mas chegou à conclusão de que não era economicamente viável na época e devolveu a licença à Mongólia.

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Reuters, de Hong Kong

Data: 18/02/2009

Título: Mineradoras disputam mina de US\$ 2 bi na Mongólia

A Vale, a Xstrata e a Rio Tinto estão entre as companhias que apresentaram propostas para desenvolver a mina de carvão de Tavan Tolgoi, na Mongólia, avaliada em US\$ 2 bilhões, segundo duas fontes com acesso direto ao assunto.

O governo da Mongólia contratou o Deutsche Bank e o JP Morgan para vender até 49% de participação no depósito. A BHP Billiton e a gigante do carvão China Shenhua Energy também fizeram propostas, segundo as fontes.

Tavan Tolgoi, normalmente chamada de o maior depósito não utilizado de carvão metalúrgico do mundo, tem reservas de 6,5 bilhões de toneladas e também está atraindo propostas de consórcios japoneses, russos e de empresas coreanas, disse uma das fontes.

Desde 2005, a Vale cobiça essa mina. Informações obtidas no próprio site da companhia revelam que em junho daquele ano a mineradora brasileira e a Itochu Corporation, trading japonesa, assinaram um memorando de entendimentos para

formação de um consórcio visando fazer proposta para compra de direito de exploração e futuro desenvolvimento do depósito de carvão de Tavan Tagoi. O acordo não envolvia compromisso societário e é similar a outros já assinados pela Vale, mas ainda está valendo, segundo a gerência de comunicação da Vale que nada quis declarar sobre a presença da companhia na disputa pela mina.

A Vale atua em prospecção mineral desde 2004 na Mongólia, onde constituiu uma subsidiária integral, a Tethys Mining. O propósito da subsidiária é executar programas de exploração mineral e desenvolver projetos. A Tethys tem licença para prospecção de cobre, carvão e ouro em 3,6 milhões de hectares, área superior ao Estado de Alagoas. A Vale já investiu quase US\$ 6 milhões na Mongólia, onde tem 80 trabalhadores contratados para atividades de campo e outros 28 no escritório, na capital Ulaanbaatar.

As propostas têm sido entregues em diferentes formas, algumas são ofertas detalhadas de desenvolvimento do depósito e outras são expressões de interesse de uma página, afirmou o membro do banco de investimento. "Basicamente, carvão de coque de boa qualidade é uma commodity bem escassa no longo prazo e tais ativos tão grandes são difíceis de aparecer, então as empresas com visão de longo prazo podem considerar os ativos atraentes", disse Malcolm Southwood, analista do Goldman Sachs, em Melbourne.

A oferta restrita de carvão metalúrgico em 2008 ajudou a mais que dobrar seu preço, usado na siderurgia, para US\$ 300 a tonelada, uma vez que siderúrgicas ao redor do mundo consumiram grandes quantidades da commodity quando o mercado ainda estava passando por expansão acelerada. Apesar dessa alta desde o boom e após a queda na demanda por aço, analista afirmam que o cenário de longo prazo para os preços de carvão de coque duro continua robusto.

Informações da imprensa indicam muitos interessados na mina, como a japonesa Itochu Corporation e a Peabody. Mas o processo tem sido travancado por atrasos, uma vez que a Mongólia ajusta suas leis de mineração. Nenhum cronograma para o desenvolvimento da mina foi confirmado.

A versão de 2006 da legislação de mineração permitia ao Estado compartilhar uma parcela de até 34% dos depósitos encontrados com fundos privados e até 50% dos descobertos com recursos estatais. A Mongólia desde então tem adiado a revisão da lei.

A BHP tinha ganho originalmente o direito de desenvolver Tavan Tolgoi na década de 90, mas chegou à conclusão de que não era economicamente viável na época e

devolveu a licença à Mongólia.

A venda da Tavan Tolgoi, que significa "cinco cabeças" por causa do contorno do local rodeado por morros, pode dar à Mongólia, que tem renda per capita anual de US\$ 1.200, até US\$ 2 bilhões, mais receitas geradas por sua participação majoritária.

A endividada Rio Tinto, que na semana passada fechou acordo para receber quase US\$ 20 bilhões em investimentos da produtora estatal chinesa de alumínio Chinalco, já tem um projeto conjunto na Mongólia com a canadense Ivanhoe Mines, o depósito de ouro e cobre de Oyu Tolgoi.

Representantes de Vale, Xstrata e Shenhua não estavam imediatamente disponíveis para comentar o assunto. BHP e Rio não se pronunciaram quando procuradas pela Reuters. **(Colaborou Vera Saavedra Durão, do Valor, no Rio)**

VEÍCULO: Folha de São Paulo

Seção: Economia

Autor: PEDRO SOARES DA SUCURSAL DO RIO

Data: 20/02/2009

Título: Lucro da Vale tem queda de 16% no 4º trimestre

Atingido pela crise, resultado passou de R\$ 12,4 bi, no 3º trimestre, para R\$ 10,4 bi

Apesar do recuo no último trimestre, companhia registrou recordes no ano; ganho atingiu R\$ 21,3 bi, com alta de 6,5% sobre 2007

Afetada pela crise que derrubou a demanda por minério de ferro e metais, a Vale registrou uma queda de 16% em seu lucro líquido no quarto trimestre de 2008. O resultado passou do recorde de R\$ 12,4 bilhões no terceiro trimestre de 2008 para R\$ 10,4 bilhões nos últimos três meses do ano passado.

Na comparação com o quarto trimestre de 2007 (R\$ 4,4 bilhões), porém, o lucro cresceu 136%. No acumulado do ano, o desempenho também foi positivo e o resultado ficou em R\$ 21,3 bilhões, 6,5% a mais do que o registrado em 2007.

A Vale viu seu lucro cair num trimestre em que cortou 30% da sua produção de minério de ferro, demitiu 1.300 funcionários e colocou outros 5.500 em férias coletivas, além de reduzir a jornada e o salário de mais 390 trabalhadores. Pelas contas dos sindicatos, o total de demitidos é maior: 3.000 desde o recrudescimento da crise

em setembro. A Vale diz, porém, que no saldo do ano de 2008 gerou 5.000 vagas no país.

Apesar do cenário turbulento, o lucro da Vale recuou em proporção menor do que outras empresas do setor graças à valorização cambial.

Para Pedro Galdi, analista da corretora SLW, os três primeiros trimestres foram tão bons, com vendas e produção em alta, que asseguraram o desempenho positivo no ano. Sobre o trimestre, ele diz que o desempenho só não foi pior graças à valorização do dólar -de 22% no período. É que a companhia tem mais ativos do que passivos em moeda forte e se beneficia da apreciação cambial.

Em nota, a Vale ressaltou que "os elevados níveis de incerteza" trazidos pela crise e a "retração da demanda por minerais e metais implicaram um desempenho operacional e financeiro mais moderado no último trimestre de 2008".

Para a analista Cristiane Viana, da Ágora, a variação cambial não foi "capaz de neutralizar o impacto negativo da queda do volume e do preço das commodities", em especial do níquel -principal produto da controlada Inco, comprada em 2006- , cujo preço caiu 42% no último trimestre. O cenário de retração do consumo provocou a forte redução dos preços das commodities, que, segundo a Vale, já começam a reagir.

Recordes

Apesar da freada no quatro trimestre, a Vale acumulou recordes em 2008. Seu faturamento atingiu R\$ 72,8 bilhões, cifra 9,6% maior do que em 2007 e a mais elevada da história da companhia. No último trimestre de 2008, no entanto, caiu 16% ante os três meses anteriores, para R\$ 17,9 bilhões.

O Ebitda, indicador que mede a geração de caixa da companhia, também foi recorde e chegou a R\$ 35 bilhões em 2008 -expansão de 4,1%. No quatro trimestre, por sua vez, recuou R\$ 42,2% e ficou em R\$ 6,6 bilhões. Responsável por 65% do superávit da balança comercial brasileira, a Vale exportou 40,5% mais que em 2007. A produção total cresceu só 1,3%.

VEÍCULO: Folha de São Paulo

Seção: Economia

Autor: DA AGÊNCIA FOLHA

Data: 20/02/2009

Título: Crise global afeta os resultados de Usiminas e Gerdau

A crise global afetou os resultados da Gerdau e da Usiminas no último trimestre de 2008. A Gerdau anunciou que o lucro líquido no período foi de R\$ 311 milhões -queda de 67,1% ante o mesmo período de 2007.

Na Usiminas, as vendas físicas no último trimestre de 2008, comparadas com o período equivalente de 2007, tiveram recuo de 26%. Ainda assim, o grupo siderúrgico teve crescimento de 2% no lucro líquido em relação ao ano anterior e obteve resultado melhor com a geração operacional de caixa (Ebitda, o lucro antes de juros, impostos, amortização e depreciação), com 20% de alta.

O reflexo da crise levou o grupo a rever custos e prazos de um importante investimento que está programado: a criação de uma nova unidade próxima a Ipatinga, na região do Vale do Aço, conforme informou o presidente da Usiminas, Marco Antônio Castello Branco.

No ano, a Usiminas lucrou R\$ 3,2 bilhões. O resultado, segundo a empresa, vem principalmente do acréscimo na receita líquida nos três primeiros trimestres e de ganhos em participação em controladas, "compensando o aumento de custos e despesas financeiras".

No resultado financeiro de 2008, foi contabilizada despesa de R\$ 1,2 bilhão, ante apenas R\$ 6,2 milhões em 2007. Isso ocorreu por causa do crescimento da dívida, que no fim de dezembro somava US\$ 3,1 bilhões -era US\$ 1,7 bilhão em dezembro de 2007. Outro motivo foi a desvalorização do real.

O presidente do grupo disse que a crise levou a Usiminas a se reorganizar internamente com novas práticas de administração, visando a uma economia de R\$ 1,2 bilhão nos custos.

Gerdau

A Gerdau atribui à queda no lucro líquido à redução das vendas, à mudança do valor dos estoques e ao efeito da variação cambial sobre dívidas.

Os resultados do trimestre mostraram também que a produção de aço da empresa caiu 33,7% em relação ao mesmo período de 2007. Segundo a Gerdau, porém, o faturamento bruto cresceu, no último trimestre de 2008, 16% em comparação com o

mesmo período de 2007. A empresa diz que esse resultado também é influenciado pela variação cambial.

A situação da economia também provocou mudanças de planos na Gerdau. Segundo a empresa, a queda na demanda por aço levou à prorrogação de investimentos que já tinham sido anunciados. A crise levou ainda a indústria a antecipar paradas programadas de manutenção e férias de funcionários. A empresa, porém, diz que a situação deve melhorar nos próximos meses após medidas de estímulo a investimentos tomadas em vários países.

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor:** Vera Saavedra Durão e Graziella Valenti, do Rio e de São Paulo**Data:** 20/02/2009**Título:** Vale faz baixa de R\$ 2,4 bilhões na Inco

A Vale reduziu em R\$ 2,4 bilhões o valor de sua subsidiária canadense Inco, adquirida em 2006, por US\$ 18 bilhões. O ajuste foi feito por conta da nova lei contábil, em vigor desde 2008, que obriga a avaliação regular dos ativos das companhias.

Esse impacto é reflexo da adoção de uma das regras da nova lei contábil brasileira, o chamado teste de "impairment", ou "valor recuperável" dos ativos. Na prática, isso nada mais é do que a companhia provar que ela consegue transformar o valor de seus ativos em lucro, seja com pela operação ou pela venda do negócio. A partir do balanço anual de 2008, as empresas são obrigadas a fazer testes e estudos para verificar a eficiência de seus registros.

A mineradora informou um lucro líquido de R\$ 10,4 bilhões no último trimestre de 2008, que não inclui a baixa contábil da Inco. A Vale só fez o desconto no resultado anual, que são os dados oficiais enviados à Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

A companhia compensou a baixa da Inco, além de um efeito negativo cambial sobre investimentos no exterior de R\$ 5,9 bilhões, com um ganho financeiro de R\$ 2,5 bilhões no trimestre, comparado com R\$ 395 milhões do quarto trimestre de 2007, e com um crédito fiscal de R\$ 2,4 bilhões, comparado a uma perda de R\$ 183 milhões no mesmo período de 2007.

Apesar da receita operacional bruta da Vale ter alcançado R\$ 17,9 bilhões no quarto trimestre, ante R\$ 15,5 bilhões no mesmo trimestre de 2007, o resultado operacional da companhia foi prejudicado em R\$ 1,6 bilhão por "outras despesas operacionais",

que incluem ajustes no valor de estoques, baixas de ativos intangíveis e taxas logísticas.

A margem operacional sem os efeitos de amortização e depreciação do quarto trimestre caiu para 37%, ante 41% no mesmo período de 2007.

A companhia destacou que teve redução de venda em vários segmentos por conta da crise econômica global que atingiu violentamente o mercado de commodities, com destaque para os metais.

O volume de minério de ferro vendido no quarto trimestre foi de 46,4 milhões de toneladas, ante 66,3 milhões no quarto trimestre de 2007. O volume de pelotas caiu para 8,7 milhões de toneladas e o de manganês, de 256 mil toneladas no quarto trimestre de 2007 para 61 mil toneladas no último trimestre de 2008.

Os minerais não-ferrosos níquel, cobre, bauxita, alumina, alumínio, caulim, potássio, metais e cobalto perderam participação na receita da companhia por conta da queda dos preços do níquel ocorrida a partir do terceiro trimestre de 2008. No quarto trimestre, a receita com estes produtos somou R\$ 4,7 bilhões, ante R\$ 6,2 bilhões no mesmo período de 2007.

No acumulado do ano, a receita operacional bruta da Vale alcançou R\$ 72,7 bilhões e o Lajida, R\$ 35 bilhões. O lucro líquido ajustado foi de R\$ 21,2 bilhões com um lucro líquido por ação de R\$ 4,08 (ajustado por desdobramentos de ações ocorridos no ano) ante R\$ 4,14 em 2007.

A dívida total da empresa era de US\$ 18,2 bilhões, com prazo médio de 9,28 anos e custo médio de 5,8% ao ano. A amortização da dívida prevista para este ano é de US\$ 322 milhões.

A Inco causou pouco estrago perto do que a Xstrata poderia ter feito ao balanço da Vale. Em março, a empresa desistiu do negócio, que poderia chegar a US\$ 90 bilhões.

O valor de mercado da Xstrata atualmente é da ordem de 10% do negociado pela Vale. A companhia brasileira, na atual situação de mercado, perderia o valor do ativo com baixa contábil similar a da Inco, mas ficaria com a dívida.